Ilustrado por EVOLUÇÃI 5 BICHC

GEORGE OFWELL

Intrinseca



A REVOLUÇÃO DOSBICHOS GEORGE ORWELL

Ilustrado por RALPH STEADMAN
Tradução de ANDRÉ CZARNOBAI



Copyright das ilustrações © 1995 by Ralph Steadman Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associates Inc.

Os direitos morais do autor estão assegurados

Título original: Animal Farm

Revisão: Wendell Setubal e Eduardo Carneiro

Capa, projeto de miolo e diagramação: Estúdio Insólito

Ilustrações: Ralph Steadman

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RI

O89r

Orwell, George, 1903-1950

A revolução dos bichos / George Orwell ; ilustração Ralph Steadman ; tradução André Czarnobai. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

240 p.: il.; 23 cm.

Tradução de: Animal farm ISBN 978-65-5560-162-6

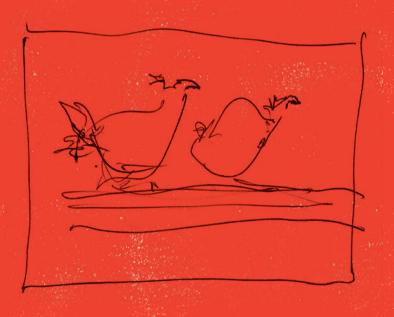
1. Ficção inglesa. I. Steadman, Ralph. II. Czarnobai, André. III. Título.

20-68241

CDD: 823 CDU: 82-3(410)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472





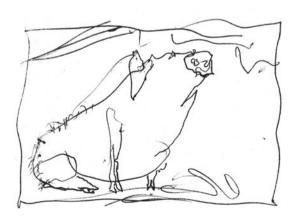
CAPÍTULO I

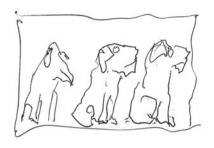
O SR. JONES, da Fazenda do Solar, pôs a tranca nos galinheiros aquela noite, mas estava bêbado demais para lembrar de fechar as portinholas. Com a bola de luz de sua lanterna dançando pra lá e pra cá, seguiu cambaleando pelo quintal, tirou as botas aos chutes antes de entrar pela porta dos fundos, serviu-se de um último copo de cerveja do barril na copa e subiu as escadas até sua cama, onde a Sra. Jones já roncava havia tempo.

Assim que a luz do quarto se apagou, um burburinho se alastrou pelos galpões da fazenda. Durante o dia correu o rumor de que o velho Major, o premiado porco branco, havia tido um sonho estranho na noite anterior e queria contá-lo aos outros animais. Ficou combinado que todos se encontrariam no celeiro assim que não houvesse perigo de o Sr. Jones aparecer. O velho Major (como sempre era chamado, embora o nome sob o qual havia competido fosse Beleza de Willingdon) tinha tanto prestígio na fazenda que todos estavam inteiramente dispostos a perder uma hora de sono para ouvir o que ele tinha a dizer.



Nos fundos do celeiro, numa espécie de plataforma elevada, Major já estava aninhado em sua cama de palha, sob a luz de uma lamparina pendurada em uma viga. Ele tinha doze anos de idade e, ultimamente, havia encorpado bastante, mas ainda era um porco majestoso, que passava uma imagem sensata e benevolente, embora suas presas nunca tivessem sido removidas. Em pouco tempo, os outros animais começaram a chegar e a se acomodar de variadas maneiras. Primeiro chegaram os três cachorros, Margarida, Jessie e Lobo, e depois os porcos, que se instalaram prontamente na frente da plataforma. As galinhas se empoleiraram nos parapeitos das janelas, os pombos voaram até a cumeeira, as ovelhas e vacas deitaram-se ao lado dos porcos e começaram a ruminar. Os dois cavalos de tração, Valente e Garota, chegaram juntos, andando muito lentamente e pisando com cuidado seus vastos cascos peludos, para o caso de haver algum animalzinho escondido em meio à palha. Garota era uma égua corpulenta e afetuosa à beira da meia-idade que nunca mais havia recuperado a forma após parir o quarto potro. Valente era um animal enorme, com quase nove

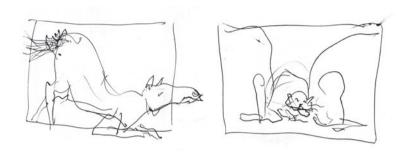






palmos de altura e força equivalente à de dois cavalos comuns somados. A listra branca que lhe descia pelo focinho lhe dava uma aparência um tanto quanto parva e, na verdade, ele não era dono de uma inteligência primorosa, embora fosse amplamente respeitado por sua firmeza de caráter e seu tremendo vigor para o trabalho. Depois dos cavalos chegou Muriel, a cabra branca, e Benjamim, o burro. Benjamim era o animal mais velho da fazenda, e também o mais ranzinza. Ele raramente falava e, quando o fazia, geralmente era fazendo algum comentário pessimista — por exemplo, se dissesse que Deus havia dado a ele um rabo para espantar as moscas, acrescentaria que, em breve, não haveria nem rabo nem moscas. Entre os animais da fazenda, ele nunca ria. Se perguntado por quê, dizia não ver nenhum motivo para isso. Mesmo assim, embora não admitisse abertamente, idolatrava Valente; os dois costumavam passar os domingos juntos no cercadinho ao lado do pomar, pastando lado a lado, sem nunca conversar.

Os dois cavalos tinham acabado de se acomodar quando uma ninhada de patinhos, que haviam se perdido da mãe, adentraram o celeiro, grasnando baixinho e correndo de um



lado para outro à procura de algum lugar onde não fossem pisoteados. Garota os envolveu em uma espécie de barreira com sua enorme perna dianteira; os patinhos se aninharam e, imediatamente, caíram no sono. No último minuto, Favorita, a bela e apalermada égua branca que puxava a carroça do Sr. Jones, entrou rebolando graciosamente, mascando um torrão de açúcar. Ela achou um lugar mais à frente e começou a balançar a crina branca, na tentativa de chamar atenção para as fitas vermelhas que a decoravam. Por último chegou a gata, que procurou, como de costume, pelo lugar mais quente, e acabou se enfiando entre Valente e Garota; ali, ela ronronaria satisfeita durante todo o discurso de Major, sem ouvir uma só palavra do que ele dizia.

Todos os animais estavam presentes, exceto Moisés, o corvo domesticado, que dormia num poleiro perto da porta dos fundos. Quando Major viu que já estavam todos acomodados e o aguardavam, ansiosamente, ele soltou um pigarro e começou:

— Camaradas, vocês já sabem que eu tive um sonho estranho na noite passada. Mas falarei do sonho depois. Primeiro, tenho uma outra coisa a dizer. Não creio, camaradas, que

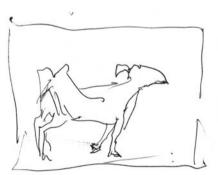




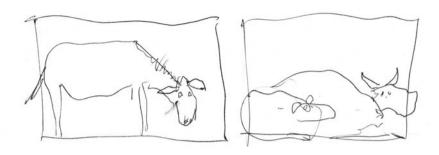
estarei com vocês por mais muitos meses e, antes de morrer, sinto que é meu dever compartilhar os conhecimentos que adquiri. Vivi uma vida longa, com muito tempo para pensar, sozinho em meu estábulo, e acho que posso dizer que entendo tão bem a natureza da vida nesta terra quanto qualquer animal que vive nela. É sobre isso que quero lhes falar.

"Portanto, meus camaradas, qual é a natureza de nossa vida? Vamos admitir: nossa vida é patética, sofrida e curta. Nós nascemos, recebemos comida suficiente apenas para continuar respirando e, aqueles entre nós que são capazes, somos forçados a trabalhar até a última partícula de força; e no exato momento em que nossa utilidade chega ao fim, somos assassinados com monstruosa crueldade. Nenhum animal na Inglaterra sabe o que é alegria ou lazer após completar um ano de idade. Nenhum animal na Inglaterra é livre. A vida do animal é de miséria e de escravidão: essa é a pura verdade.

"Mas será que isso faz mesmo parte da ordem natural? Seria nossa terra tão pobre a ponto de ser incapaz de proporcionar uma vida decente àqueles que vivem nela? Não, camaradas, mil vezes não! O clima da Inglaterra é bom, seu solo é fértil, capaz de produzir comida em abundância para um número de animais incrivelmente maior do que os que

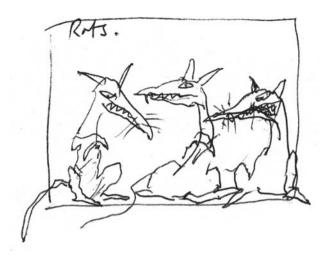






a habitam atualmente. Essa nossa fazenda, sozinha, poderia alimentar uma dúzia de cavalos, vinte vacas, centenas de ovelhas — todos vivendo num conforto e dignidade que estão, agora, muito além de nossa imaginação. Por que, então, permanecemos nessas condições miseráveis? Porque praticamente todo o produto de nosso trabalho é roubado de nós pelos seres humanos. Eis aí, camaradas, a origem de todos os nossos problemas. Ela pode ser resumida em uma única palavra — Homem. O Homem é nosso único inimigo real. Retire o Homem do cenário, e a causa fundamental da fome e do trabalho em excesso é extinta para sempre.

"O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Ele não dá leite, não bota ovos, não tem força para puxar o arado, não é rápido o bastante para pegar coelhos. Mesmo assim, ele é o senhor de todos os animais. Ele os coloca para trabalhar, dá a eles o mínimo para que não morram de fome e pega o resto para si. Nosso trabalho lavra a terra, nosso esterco a fertiliza e, ainda assim, nenhum de nós veste nada além da própria pele. Vocês, vacas, que eu vejo à minha frente, quantos milhares de litros de leite forneceram no último ano? E o que foi feito desse leite, que deveria ter sido usado para criar bezerros mais fortes? Cada gota dele escorreu pela garganta dos nossos inimigos. E vocês, galinhas, quantos ovos puseram no último ano e quantos deles chocaram dando



origem a um pintinho? O restante foi todo para os mercados, para render dinheiro para Jones e seus homens. E você, Garota, onde estão os quatro potros que você pariu, que deveriam lhe dar apoio e tranquilidade em sua velhice? Todos foram vendidos ao completar um ano de idade — e você nunca mais verá nenhum deles. Em troca de suas quatro crias, e de todo o trabalho que você fez no campo, o que você recebeu além das parcas refeições e da coxia?

"E mesmo essa vida horrível que levamos não chega a atingir sua duração natural. De minha parte, não posso reclamar, porque sou um dos sortudos. Tenho doze anos de idade e tive mais de quatrocentos filhos. Essa é a vida natural de um porco. Mas nenhum animal escapa da faca cruel no final. Vocês, jovens leitõezinhos, sentados à minha frente, cada um de vocês gritará por sua vida dentro de um ano. A este horror, todos seremos submetidos — vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todos. Mesmo os cavalos e os cães não terão melhor destino. Você, Valente, no mesmo dia em que seus tremendos músculos perderem a força, Jones o venderá para o carrasco, que cortará sua garganta e o cozinhará

para dar aos cães de caça. Quanto aos cachorros, quando ficarem velhos e perderem os dentes, Jones amarrará um tijolo em seus pescoços e os jogará no lago mais próximo.

"Não está claríssimo, então, camaradas, que todas as mazelas desta nossa vida são consequência da tirania dos seres humanos? Basta que nos livremos do Homem para que o produto de nosso trabalho seja nosso. Ficaremos ricos e livres praticamente da noite para o dia. Sendo assim, o que devemos fazer? Ora, trabalhar noite e dia, de corpo e alma, pela derrocada da raça humana! Esta é a minha mensagem para vocês, camaradas: Revolução! Não sei quando essa Revolução virá, pode ser em uma semana ou em cem anos, mas tenho certeza, assim como estou certo de que isso em que piso agora é palha, que, cedo ou tarde, a justiça será feita. Foquem nisso, camaradas, no curto tempo de vida que ainda lhes resta! E, acima de tudo, passem essa mensagem para aqueles que vierem depois de vocês, para que as gerações futuras levem a luta adiante, até a vitória final.

"E lembrem-se, camaradas, de jamais fraquejar em sua determinação. Nenhum argumento deverá convencê-los do contrário. Nunca deem ouvidos quando lhes disserem que o Homem e os animais têm interesses em comum, que a prosperidade de um é a prosperidade do outro. Isso é tudo mentira. O Homem não se preocupa com os interesses de nenhuma criatura além de si próprio. Que entre nós, animais, exista então uma união e uma camaradagem perfeitas nesta luta. Todos os homens são inimigos. Todos os animais são camaradas."

Nesse momento, houve um tremendo rebuliço. Enquanto Major falava, quatro ratazanas enormes saíram de suas tocas e sentaram-se no chão para ouvi-lo. De repente,

os cães as avistaram, e foi apenas por uma fração de segundo que os ratos conseguiram voltar para suas tocas, correndo para salvar suas vidas. Major ergueu uma das patas e pediu silêncio.

— Camaradas, eis uma questão que precisa ser resolvida. As criaturas selvagens, como ratos e coelhos, são nossos amigos ou inimigos? Vamos fazer uma votação. Proponho a seguinte questão à assembleia: "Os ratos são nossos camaradas?"

A votação foi realizada prontamente, e uma maioria impressionante concordou que os ratos eram camaradas. Houve apenas quatro dissidentes: os três cães e a gata, que, descobriu-se mais tarde, haviam votado para os dois lados. Major prosseguiu:

— Não tenho muito mais a dizer. Apenas repito: lembrem-se sempre do dever de vocês de antagonizar o Homem e todos os seus modos. Tudo que anda sobre duas patas é nosso inimigo. Tudo que anda sobre quatro patas, ou tem asas, é nosso amigo. E lembrem-se também de que, ao combater o Homem, jamais devemos nos assemelhar a ele. Mesmo quando o tivermos dominado, não adotemos seus vícios. Nenhum animal jamais deve viver numa casa, nem dormir numa cama, nem usar roupas, nem beber álcool, nem fumar tabaco, nem tocar em dinheiro, ou envolver-se com o comércio. Todos os hábitos do Homem são maus. E, acima de tudo, nenhum animal deve jamais tiranizar a própria espécie. Fracos ou fortes, inteligentes ou simplórios, somos todos irmãos. Nenhum animal deverá jamais matar outro animal. Todos os animais são iguais.

"E agora, camaradas, vou contar a vocês o sonho que tive na noite passada. Mal consigo descrevê-lo. Eu sonhei com a terra, como ela será quando o Homem tiver desaparecido. Mas o sonho me lembrou de algo que eu havia esquecido há muito tempo. Muitos anos atrás, quando eu era um porquinho, minha mãe e as outras porcas costumavam cantar uma canção antiga, da qual elas conheciam apenas a melodia e as três primeiras palavras. Eu sabia cantar aquela música quando criança, mas fazia tempo que ela passava pela minha cabeça. Ontem à noite, entretanto, ela voltou a mim, no sonho. E mais que isso, a letra da música também, uma letra que, eu tenho certeza, era cantada pelos animais de muito tempo atrás, mas que se perdeu na memória através das gerações. Cantarei essa música para vocês agora, camaradas. Eu sou velho e a minha voz é rouca, mas, depois que eu ensiná-la a vocês, poderão cantá-la muito melhor vocês mesmos. Seu nome é 'Bichos da Inglaterra'."

O velho Major pigarreou e começou a cantar. Sua voz era rouca, como ele havia falado, mas ele cantava muito bem, e a canção era animada, num clima parecido com o de "Clementina" ou "La Cucaracha". A letra dizia:

Bichos da Inglaterra, bichos da Irlanda, Bichos de todo canto e de todo lado, Escutem bem como a coisa anda: Eu vi o futuro, e ele é dourado.

Cedo ou tarde, a privação se encerra, O Homem Tirano será derrubado, E o solo fértil da Inglaterra Apenas por bichos será pisado. De nossos focinhos sumam argolas, De nossos lombos, os arreios,



Que enferrujem todas as esporas, Chicotes todos se partam ao meio. Tanta fartura nunca pensada, As beterrabas, os trevos, os grãos, Trigo e aveia, feno e cevada, De agora em diante nossos serão.

Na Inglaterra é um dia ensolarado, Correm os rios com vivacidade, Um vento gentil sopra no prado





Celebrando nossa liberdade. É preciso lutar para conquistá-lo, Mesmo que morra sem ver esse dia. Ganso e peru, vaca e cavalo, Lado a lado, em perfeita barmonia

Bichos da Inglaterra, bichos da Irlanda, Bichos de todo canto e de todo lado, Escutem bem como a coisa anda: Eu vi o futuro, e ele é dourado.



DESDE SEU LANÇAMENTO, em 1945, *A revolução dos bichos* se tornou um marco da literatura. Publicado em todo o mundo, vendeu milhões de exemplares e segue vital e relevante até — e principalmente — hoje.

Nesta fábula sobre uma rebelião de animais cansados de serem explorados por seus donos humanos, George Orwell ilustra como uma nova tirania pode tomar o lugar de uma antiga e como o poder corrompe até as causas mais nobres. Depois de se rebelarem na Fazenda do Solar, os animais, liderados por um grupo de porcos, estabelecem um regime igualitário e cooperativo que funciona até alguns bichos começarem a usufruir de mais privilégios do que o instituído inicialmente. Com regras cambiantes, que beneficiam quem as cria, a revolução se torna uma confusa teia de ordens e tarefas sem sentido, culminando em paranoia, confrontos e questionamentos.

Com dois prefácios do autor, escritos em momentos diferentes, esta edição evoca o contexto histórico e social no qual este clássico moderno foi concebido. As ilustrações marcantes de Ralph Steadman, tão dilacerantes e satíricas quanto o texto de Orwell, fazem deste volume uma peça singular, dando visualidade a uma história que não se cansa de ser atual.

André Czarnobai assina a tradução, bem como um texto marcando suas escolhas neste trabalho. Esta edição conta ainda com um posfácio inédito do crítico literário José Castello, que esclarece as intenções da obra e aprofunda a biografia do autor, guiando a leitura para além das impressões iniciais que o texto de Orwell provoca.

